

# Organização socioespacial: faxinalenses e agricultores de Jesuíno Marcondes, Prudentópolis/PR (1987-2007)

*Eliane Crestiane Lupepsa*  
Especialista em História Cultural (UNICENTRO)

*Ancelmo Schörner*  
Doutor em História, Professor Colaborador da UNICENTRO

**Resumo:** Este artigo trata da diferente organização e controle do espaço por indivíduos que vivem em faxinais e por agricultores que estão fora desse sistema, na localidade de Jesuíno Marcondes, Prudentópolis/PR. A partir de depoimentos e outros documentos, sobre o Faxinal Marcondes Almeida França e sobre a localidade de Jesuíno Marcondes, buscamos compreender a forma de organização e representação do espaço pelos dois grupos.

**Palavras-chaves:** Prudentópolis/PR; Faxinal; Agricultura; Cultura; Território.

**Abstract:** This article traces the difference between social controle of space when one think of faxinal's people and little yieldmen at Jesuíno Marcondes, Prudentópolis, Parana. Through testimonials and written documents about the Faxinal Marcondes Almeida França and Jesuíno Marcondes, we try to understand space organization and space representarion described in these two groups.

**Keywords:** Prudentópolis/PR; "Faxinal"; Agriculture; Culture, Territory.

**Resúmen:** Se examina la diferencia de organización y control por el pueblo de faxinal y de agricultores en Jesuíno Marcondes, Prudentópolis, Paraná. Desde testimonios y otros documentos sobre el Faxinal Marcondes Almeida França, también sobre Jesuíno Marcondes, se busca comprender la forma de organización y representación del espacio por los dos grupos sociales.

**Palabras-clave:** Prudentópolis/PR; "Faxinal"; Agricultura; Cultura; Territorio.

Este artigo é produto de estudo elaborado para compreender a relação de controle sobre o espaço no Faxinal Marcondes Almeida França e na vila de Jesuíno Marcondes, município de Prudentópolis/PR. Ao considerar que a vila de Jesuíno Marcondes foi uma das primeiras colônias da região, com faxinalenses e agricultores que ocupam o espaço de maneiras distintas, procuramos analisar as diferentes maneiras que ambos compreendem os respectivos territórios, bem como eles são organizados, controlados e representados de maneira particular por agricultores e faxinalenses, dentre eles descendentes de ucranianos. A partir disso, busca-se perceber a confirmação de identidades marcadas por um sentimento de pertencimento do homem ao lugar.

É pertinente esclarecer que tanto os faxinalenses, quanto os moradores de Jesuíno Marcondes mantêm relações com a terra, e que, portanto, eles podem ser considerados agricultores, porém, o agricultor do Faxinal mantém a criação de animais soltos e não possibilita que o espaço destinado à criação de animais seja utilizado para o plantio, tal como ocorreu em Jesuíno Marcondes, sobretudo, a partir da década de 1980. Dessa maneira, afirmamos que o faxinalense pode ser agricultor, mas o agricultor da vila de Jesuíno Marcondes não quer ser faxinalense, pois não mais considera viável a vida sob o regime de uso da terra do faxinal. Neste ponto evidencia-se a disparidade de concepções sobre o espaço para ambos os grupos.

### **Contexto histórico da ocupação de Jesuíno Marcondes**

O processo de colonização e ocupação das terras em Prudentópolis/PR por parte de imigrantes ucranianos propiciou encontros culturais entre grupos, inclusive de caboclos, como se pode perceber num livro comemorativo em ocasião ao aniversário de 23 anos do município. Nele, constam algumas atividades que brasileiros dividiram com os colonos: “Passamos por vezes entre os colonos, vendo-se empregados no serviço de extração e preparo do matte, que em pouco tempo aprenderam com os nacionaes e hoje nesse trabalho se confundem com os typos estrangeiros com os primeiros, quer pelos costumes em parte, quer pelos trajes que actualmente usam. Em muitas casas dos antigos colonos, saboreamos o chimarrão, almoçamos o feijão caboclo e no final tomamos o indispensável caldo deste, como comumente usam os nacionaes nas suas refeições.”<sup>1</sup> Em outro texto sobre o período da colonização lemos que “começaram então, os colonos a construir suas casas. Eram a princípio uma combinação esquisita de humildes vivendas européias com as choupanas caboclas. Mais tarde, porém, surgiram lindas e confortáveis casas brancas. Fizeram também as suas roças, plantando milho, feijão, trigo, centeio, arroz, café e nas hortas próximas à moradia uma rica variedade de verduras. Formaram-se comunidades construindo igrejas e escolas.”<sup>2</sup>

Essas informações apresentam as mudanças nas condições de moradias e o princípio da ocupação e organização do espaço de Prudentópolis/PR por imigrantes mas elas se restringem à cultura ucraniana e, somadas a outros estudos, compõem um quadro historiográfico do município voltado a essa cultura.

No contexto da colonização, a formação da Vila de Jesuíno Marcondes, assim como as demais colônias, vinculam-se a um processo de divisão de terras do Governo aos imigrantes, sendo que uma das formas era por meio de concessão. Sobre isso Zaroski afirma que,

<sup>1</sup> VVAA, *Prudentópolis, 1929* (Curitiba: Editora Olivero, 1929), 29.

com a decadência do sistema escravista e a necessidade de trabalhadores livres para as lavouras, somado aos conflitos internos no continente europeu, muitos outros povos, principalmente de origem eslava, nesta conjuntura migraram para o Brasil em consideráveis contingentes, fixando-se maciçamente no sul do país. A busca por melhores condições de vida desses imigrantes europeus, principalmente os habitantes da região da Galícia, aliada aos estímulos dos agentes mediadores da política imigratória no país – que visavam a ocupação de terras, objetivando aumento na produção agrícola e, por conseguinte, na sua economia – fez com que muitas famílias estrangeiras, em sua maioria colonos viessem a procura de oportunidades no novo mundo. Separadamente ou em pequenos grupos, famílias ucranianas chegavam ao Brasil duas décadas antes do final do século XIX. Porém o auge do processo imigratório ocorreu em 1895, quando milhares de famílias deixaram sua pátria instalando-se em terras brasileiras.<sup>3</sup>

Zaroski se refere à região da Galícia que no século XIX: “era a maior província do Império austro-húngaro, portanto, desde 1772, integrava o Império dos Habsburgos. Em sua maioria eram camponeses sócio-economicamente submissos à nobreza poloneza [...] Os dois milhões e meio de ucranianos concentravam-se na Galícia Oriental e, sobretudo ocupavam a zona rural na qualidade de camponeses.”<sup>4</sup>

As terras brasileiras que receberam os imigrantes europeus, sobretudo as do Sul, aparecem como sendo próprias para o cultivo. Um dos agentes propulsores para a ocupação dessas terras é correlacionado com a política imigratória por Burko, que a apresenta da seguinte maneira:

Foi nos primórdios do vigente regime republicano que a política de imigração e colonização teve o seu pleno desabrochar. Um decreto do Governo provisório, baixado em Junho de 1890, que vigorou por quatro anos, regulava a entrada dos imigrantes, concedendo-lhes passagem gratuita com subvenções conseqüentes às Companhias marítimas para o seu transporte e distribuindo aos recém-chegados lotes de terras nas colônias estabelecidas pelo Governo Federal, de acordo com as Administrações estaduais. Esse serviço era desempenhado pelo Inspetorado Geral de Terras e Colonização, em colaboração com delegacias dos respectivos Estados.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Valdomiro Burko, *A imigração ucraniana no Brasil* (Curitiba, s/e. 1962), 53.

<sup>3</sup> Gilmar Zaroski, *A utilização do tempo pelos imigrantes ucranianos de Prudentópolis 1940-1960* (Curitiba, 2001), 5.

<sup>4</sup> Maria L. Andreazza, *O paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana 1895-1995* (Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999), 17.

<sup>5</sup> Burko, 43-44.

Nesse incentivo à colonização, as terras devolutas do Sul do Brasil também se inseriram como salienta Horbatiuk, ao esclarecer como o Governo Imperial as define neste contexto: “Em 1850, o Governo imperial retorna a colonização, definindo o significado de terras devolutas; especificando que os lotes deveriam ser comprados pelo imigrante e não gratuitos; criando uma Repartição Geral das Terras Públicas, para delimitação, divisão, proteção das terras devolutas e promoção da colonização; dando ao estrangeiro imigrante o direito de naturalização e dispensando-o do serviço militar.”<sup>6</sup>

As providências para a ocupação de terras por parte dos imigrantes, tanto no período do Império, como no Republicano, aliadas a uma série de leis que estes Governos estabeleceram, atraíram um considerável número de imigrantes ao Brasil. Nesse sentido, “cumpre destacar que pela lei de terras de 1850, o camponês só poderia tornar-se proprietário após três anos de trabalho no lote”.<sup>7</sup> Deste modo é que “o número dos imigrantes desde 1820 até 1924 foi nada menos que 4.120.000 almas, sem levar em conta seus descendentes e os estrangeiros que se naturalizaram”.<sup>8</sup> Entretanto, segundo Andreazza, também existem fatores de atração e repulsão que contribuíram para a condução destes imigrantes ao Brasil: “Durante a segunda metade do século XIX, os contingentes humanos correspondem, simultaneamente, um impulso de atração, desenvolvido nos locais de adoção dos emigrados, e outro de repulsão, gerado pelas nuances conjunturais dos países de onde se deslocaram os imigrantes.”<sup>9</sup>

As terras do Paraná fazem parte de uma conjuntura de desmembramento e classificação feita pelas companhias colonizadoras que aliavam os seus interesses aos anseios do Governo, já que “no Brasil, os governos federal e estadual autorizavam empresas particulares a realizarem o transporte de emigrantes que, chegados ao Rio de Janeiro, tomariam seus destinos. Havia diferentes interesses em jogo [...]”.<sup>10</sup> Além disso, “nas colocações dos Presidentes de Província e dos Governadores do Paraná são recorrentes posicionamentos que denotam o anseio governamental por força de trabalho com vistas ao povoamento e desenvolvimento econômico do território”.<sup>11</sup> Estes anseios do Governo além do interesse pela força de trabalho e de um povoamento e transformação territorial, pressupunham também uma mudança na estrutura agrária: “As autoridades alimentavam a esperança de que a estrutura da agricultura paranaense fosse modificada pelos imigrantes europeus, portadores de tradições e técnicas mais evoluídas. Os colonos europeus teriam a missão

<sup>6</sup> Paulo Horbatiuk, *Imigração Ucraniana no Paraná* (Porto Alegre, 1983), 27.

<sup>7</sup> Carlos R. A. dos Santos, *Vida material e econômica* (Curitiba: SEED, 2001), 75.

<sup>8</sup> Horbatiuk, 45.

<sup>9</sup> Andreazza, 44.

<sup>10</sup> Andreazza, 48.

<sup>11</sup> Andreazza, 44.

de compensar o atraso e as técnicas elementares utilizadas pelo elemento local, ou seja, o caboclo.”<sup>12</sup> De acordo com Boruszenko,

Os processos imigratórios no Brasil são recentes em termos históricos, e se inserem na emergência e consolidação do capitalismo. De modo geral, a imigração é investimento compensador: de um lado, o imigrante significa capital de trabalho; de outro, é portador de bens culturais que enriquecem a sociedade de adoção. [...] Como o regime de pequenas propriedades, desenvolveram-se atividades agrícolas diversificadas, que contribuíram para dar maior equilíbrio às estruturas econômicas do país, sobretudo nas regiões beneficiadas pela localização de núcleos de colonização.<sup>13</sup>

Pode-se dizer que a imigração veio ao encontro desse planejamento político das autoridades em substituir a estrutura agrária cabocla pela européia. Neste contexto, em Prudentópolis, as terras foram divididas em linhas, cada uma delas recebeu um nome, algumas em homenagem a certas regiões principais da Europa, meses do ano e “importantes” nomes brasileiros, assim como apresenta Zaroski:

A demarcação dos lotes de terras foi dirigida pelos representantes do governo, à margem esquerda do rio dos Patos em direção ao norte e ao sul da vila de Prudentópolis. Traçavam-se longas linhas de vários quilômetros que recebiam nomes de personagens brasileiras, como, por exemplo, Visconde de Guarapuava, Visconde de Nácar, Eduardo Chaves, ou nomes de meses do ano: Linha Sete de Setembro, Linha Dezembro, Linha XV de Novembro, Linha Outubro, Linha Abril ou ainda outros nomes, como Linha Esperança. Ao longo dessas linhas mediam-se chácaras de 10 a 12 alqueires as quais eram entregues aos imigrantes para o desbravamento e o plantio.<sup>14</sup>

Estas chácaras implicavam para estes imigrantes uma forma de se viver vinculada a terra e a natureza, peculiar a eles. A colonização de Jesuíno Marcondes iniciou logo após o Governo ter comprado terras de um grande proprietário, Baldoino Antonio Pereira, e as distribuído aos imigrantes, ainda como pressupunha a Lei de Terras:

<sup>12</sup> Man Y. Chang, *Sistema Faxinal: Uma Forma de Organização Camponesa em Desagregação no Centro-Sul do Paraná* (Dissertação de Mestrado de economia. UFRRJ. Rio de Janeiro, 1985), 34.

<sup>13</sup> Boletim Informativo da Casa Romário Martins, In Oksana Boruszenko, *Os Ucrânicos* (Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba), 22(108), out. 1995, 6.

<sup>14</sup> Zaroski, 11.

Em meados do ano de 1882, houve uma grande vinda de imigrantes para o Brasil, mais precisamente para o Estado do Paraná, boa parte destes imigrantes se encontra em Prudentópolis. O Governo Federal deu margens ao Governo Paranaense para comprar terras e distribuir aos imigrantes, os quais trabalhavam a terra para tirar seu sustento e dar uma pequena contribuição ao Governo. Como os imigrantes continuavam chegando e havia trinta colônias, viu-se a necessidade de comprar mais terras a eles. Foi aí que o governo do Paraná adquiriu as terras de Balduino Antonio Pereira, onde atualmente se situa Jesuíno Marcondes, para distribuir a esses imigrantes. Eles derrubaram as matas e instalaram uma vila, repartindo a terra em lotes e se instalaram. Como ali se tornou um aglomerado maior de imigrantes acabaram atraindo outros das colônias vizinhas, tais como, de Rio Preto, Linha Mauricio Fravre, Visconde de Guarapuava, Linha Nácar. Mais tarde a colônia de Jesuíno Marcondes cresceu a ponto de dividir-se em 1ª Linha, 2ª Linha e 3ª Linha. Com o ganho dessas terras eles trabalhavam na lavoura no cultivo de alimentos.<sup>15</sup>

Nessa perspectiva é que Mikahina Groshko “aos 88 anos guarda na memória lembranças histórias dos primeiros imigrantes que chegaram por aqui. Os pais de Mikahina vieram de navio, da Europa, entre o final do século XIX e início do XX”.<sup>16</sup> Ela lembra de como a sua avó e seus pais começaram a melhorar de vida na época da colonização em Prudentópolis:

Uma mulher que já estava com melhores condições financeiras deu emprego à avó de Mikahina em sua casa... “A baba, mãe da mãe, ia trabalhar. Assim foi, todo o dia, todo o dia”, diz. Ao ter mais prática no serviço, passou a receber. “Ela já começou a pagar para minha baba. Pagar um pouquinho e já dava muita coisa. E já foi assim que ela foi se levantando. E depois veio medição. Mediram na colônia de Cândido de Abreu e para cada um fizeram uma casinha. Um pedacinho assim de terra para ter onde plantar. Já fizeram casinha melhor, com tábuas, já plantavam um pouco de tudo”. A mãe de Mikahina era chamada de “Doja”... foi trabalhar junto com os padres. Lá conheceu o pai de Mikahina... Eles casaram e foram morar um tempo em Cândido de Abreu. O Governo fez uma nova medição de terra e o dinheiro que o pai de Mikahina havia ganho serviu para comprar um pouco de terra e fazer um rancho. “Terreno muito bom; roçaram um pouco e deu muito mantimento. O pai fez um paiol coberto com palha. E quando estavam medindo novamente, vieram na casa do pai pedir o paiol de cômodo para eles usarem de paragem. O pai disse, ‘como não, de

<sup>15</sup> Jornal *Pracia, Prudentópolis – Marcondes comemorou 100 anos de sua existência* (Prudentópolis, 01 a 15 de dezembro de 2007. Nº 23 (6292)), p.4.

<sup>16</sup> Jornal *Página Popular, Filha de imigrantes recorda momentos da vida simples na região de Prudentópolis*. Prudentópolis, 11 de março de 2008. Ano 4, nº 119, 11.

bom gosto'. E eles vieram de mudança e tudo naquele paiol. A mãe aprontava tudo para eles, almoço e janta. Domingo lavava roupa. O pai ganhou 20 alqueires de terra porque eles estavam lá”, afirma... E o pai de Mikahina soube por um parente que precisavam de gente em Ponta Grossa para a construção da estrada de ferro. Ele com mais algumas pessoas foram para outro município a pé, para trabalhar. “Com a mala e tudo nas costas. Antigamente era assim, sofrido. O pai mandava dinheiro quando ganhava para a mãe ter para as crianças e para ela. De vez em quando eles vinham... Eles ganharam um pouco de dinheiro e seu pai pode comprar mais terras, no Sirineu. Juntou mais dinheiro e comprou outro terreno na Linha Capanema, lugar onde nasci [...] O pai comprou carroça. Ele já tinha cavalo, já tinha gado. Nós íamos de carroça lá no Sirineu. Íamos na segunda e voltávamos no sábado, trabalhando junto com o pai. Nós tínhamos trigo, feijão, milho. Tinha um moinho na Linha Capanema muito bom [...] Aos poucos cada filho ficou encarregado de uma tarefa. Uma lavava a roupa, outra fazia pão de ló e outros alimentos, outra lavava o soalho, enquanto os outros iam para a roça.”<sup>17</sup>

O depoimento de Mikahina, concedido em entrevista ao jornal demonstra a maneira de se viver nos tempos dos moinhos em Prudentópolis,<sup>18</sup> início do século XX, e os momentos em que as medições dos terrenos eram efetuadas pelo Governo através de seus representantes. A produção sobre terras, como estas, que passaram a ser de caráter camponês, permitia que se praticasse a agricultura de subsistência e também de exportação. Para Santos, “o novo sistema de colonização voltado para abastecer os mercados internos passou a alimentar a cidade e a oferecer um certo suporte ao setor de exportação. Assim, houve uma certa articulação entre a agricultura de exportação e a de subsistência, fazendo com que esta se beneficiasse da dinâmica criada pelo setor exportador.”<sup>19</sup>

Nesta conjuntura é que se insere, em grande parte, a formação das colônias em Prudentópolis, onde os lotes foram divididos e ocupados, e à medida que os seus colonizadores trabalhavam nas terras as tornavam agricultáveis numa produção de subsistência e também para o mercado consumidor.

Antes de falarmos das diferenças entre as visões de mundo dos faxinalenses e agricultores da região de Jesuíno Marcondes, faremos uma

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> “Em 1918 já contavam vários pequenos moinhos nas linhas coloniais e actualmente existem 30 moinhos, sendo um na sede do município, com capacidade para moer 30 a 50 saccos de trigo diariamente [...] As padarias compram o trigo e levam ao moinho, este troca pelo grão a mesma quantidade, ou a mesma medida de farinha, ganhando somente a casca e o farelo, que representam seu lucro. Os colonos procedem do mesmo modo, tendo assim a farinha de trigo para o consumo”. Ver V.V.A.A., 26-27.

<sup>19</sup> Santos, 77.



discussão sobre as questões referentes à organização e controle do espaço. Assim, o conceito de território nos auxilia no entendimento de como os sujeitos envolvidos nestes dois grupos e espaços distintos engendram seus sistemas de ações de acordo com os seus interesses, suscitando assim, seus respectivos territórios. Pois, “é por meio da abordagem dos territórios e com o recurso da história, que se apreende a natureza primordial das ações humanas empreendidas por certos agentes sociais, as quais podem, em boa parte, ser mensuradas, investigando-se os sistemas de objetos [...] e os sistemas de ações (as normas subjacentes às relações sociais, de produção e de troca) e a cultura.”<sup>20</sup>

Recentes discussões sugerem várias concepções em relação ao conceito de território, que comumente é relacionado à noção de Estado-nacional; ele é também interpretado enquanto espaço ou até associado à paisagem. A abordagem da Geografia Humana em relação ao território, auxilia na compreensão da identificação que o faxinalense apresenta com o seu lugar. Percebe-se que a noção de território, restrita à noção de território nacional foi superada, pois no século XX:

O território surge [...] como o espaço concreto em si (com seus atributos naturais e socialmente construídos), que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem). E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis - pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta -, mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois, apenas a durabilidade poderia, é claro ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade da verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território.<sup>21</sup>

Porém, “nas falas e nos textos predomina um consenso subjacente ao conceito de território, de que o mesmo encerra relações de poder entre os distintos agentes que se interessam por certos objetos localizados numa dada porção do espaço geográfico”.<sup>22</sup> Além disso, “esta é apenas uma das

<sup>20</sup> Cristóvão Brito, ‘Algumas observações sobre o conceito de território’, *Revista de História e Geografia Ágora*. 11(2): 115, jul./dez. 2005.

<sup>21</sup> Marcelo J. L. de Souza, ‘O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento’, In Iná E. Castro, Paulo C. C. Gomes e Roberto L. Corrêa (orgs.) *Geografia: conceitos e temas* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil), 84.

<sup>22</sup> Brito, 115.



‘abordagens conceituais de território’, denominada de ‘vertente jurídico-política’. Além dessa, existem também as “vertentes culturalista e econômica”. A primeira prioriza aspectos subjetivos relacionados às identidades e representações, enquanto a segunda centra-se nas questões locacionais, de competitividade, inovações tecnológicas e desenvolvimento.”<sup>23</sup> Dessa forma, concordamos com o conceito de território na perspectiva de que,

a territorialidade humana aparece como o conjunto de relações mediadas pelo poder entre os distintos agentes sociais (Estado, empresas, instituições sociais e cidadãos), que se interessam por algum objeto comum localizado numa dada porção do espaço geográfico. A territorialidade humana constitui tão somente uma estratégia para o desenvolvimento de algum tipo de interesse dos agentes sociais envolvidos [...] e seu substrato material, com todas as características naturais e as socialmente construídas são termos que encerram uma única assertiva – resultam de relações sociais desenvolvidas entre os diferentes agentes mediadas pelo poder e projetadas numa dada porção do espaço geográfico, que se torna território.<sup>24</sup>

A relação dos faxinalenses com a terra está associada ao seu espaço específico, o Faxinal. A particularidade elementar e principal do Faxinal é o uso de maneira comunitária do espaço com vegetação para a criação de animais à solta, separadas da área de plantio. Para a manutenção destas características existe no Faxinal Marcondes Almeida França uma forma organizacional comum. A Associação, designada Associação do Faxinal Marcondes Almeida França, que representa uma tentativa de conservação de tais características, que envolvem, de certa forma, tanto os aspectos físicos do espaço, como os sociais, os culturais e os ambientais.

Em contrapartida, o espaço da vila de Jesuíno Marcondes é organizado a partir da Associação Marcondense de Agricultores - AMA, criada em 1989, cujos membros compartilham da utilização de implementos agrícolas para a produção em conjunto e obtenção de lucro individual. O nome Jesuíno Marcondes, atribuído à colônia, foi em homenagem “ao ilustre Ministro da Agricultura, Jesuíno Marcondes de Oliveira Sá, que na época da colonização foi um dos grandes batalhadores pela vinda dos imigrantes ao Brasil.. A Linha Jesuíno Marcondes honra o nome do nosso grande político, pois, é uma das mais promissoras localidades do nosso município.”<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Rogério Haesbaert, Éster Limonad, ‘O território em tempos de globalização’, *GEO UERJ* (Rio de Janeiro, nº 5, p. 7-19, 1º semestre 1999, p. 12.

<sup>24</sup> Idem, 116.

<sup>25</sup> Casa das irmãs de Jesuíno Marcondes, *A Colônia de Jesuíno Marcondes*, mimeo.

A colônia ou vila de Jesuíno Marcondes, assim denominada, é caracterizada por aspectos de infra-estrutura, como as estradas traçadas a formarem grandes quadras; as edificações, como a igreja, a escola, o posto de saúde; a rede de água potável.

Além disso, os piquetes comportam animais como vacas, cavalos, já que o espaço que era destinado ao criadouro passou a não mais ser aceito pelos moradores para este fim. De acordo com a Ata da AMA, “aos oito dias do mês de setembro de um mil novecentos e oitenta e nove, realizou-se às 18 horas nas dependências do salão paroquial em Jesuíno Marcondes no município de Prudentópolis – Paraná, a primeira Assembléia com a finalidade de constituir a Associação Marcondense de Agricultores – AMA, para proporcionar melhorias na atividade agrícola”.<sup>26</sup>

O surgimento da associação, assim como as demais associações de agricultores das colônias do interior do município de Prudentópolis, tem em grande medida, o apoio da Igreja na qual a comunidade envolvida freqüenta. Em Jesuíno Marcondes,

No dia 06 de maio de 1990, houve a realização de uma festa nas dependências da Igreja Ucraniana, promovida pela Associação Marcondense de Agricultores – AMA. Na parte da manhã houve a celebração da santa missa na intenção de todos os associados, celebrado pelo vigário Pe. Tarcísio o qual em seu sermão destacou a importância desta associação, incentivando a todos, para que unidos procuremos nos organizar e assim nossas famílias terão mais conforto e dias melhores terão nossos filhos. A semente está sendo lançada ao solo e a colheita pode até demorar, mesmo que tenhamos que esperar para ver o resultado, vale à pena tentar mudar, o que já deveria ser feito há muito tempo, mas nunca é tarde para começar.<sup>27</sup>

Percebe-se neste documento o anseio em mudar, em progredir. Podemos associar o surgimento desta Associação ao fim de um sistema em Jesuíno Marcondes, o sistema Faxinal. Já que o primeiro presidente desta Associação afirma que “o Faxinal [...] é um atraso de vida, os bichos se criam todos soltos e ninguém mais compra bichos criados assim”.<sup>28</sup> Este depoimento indica a primazia da Associação em detrimento do Sistema Faxinal na vila de Jesuíno Marcondes.

<sup>26</sup> Livro Ata da Associação Marcondense de Agricultores – AMA, 08/09/1989.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Meron Charnei, morador de Jesuíno Marcondes, *Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa* em 27 jul. 2008.

Ali na Associação tem secador, trator, alguns implementos, e todos os associados utilizam. Por exemplo, paga uma hora para utilização do trator aí tem um que dirige e utiliza, mas isso é pra quem tem áreas maiores [...] Aqui é um lugar bom porque tem rede de água, posto de saúde ali, tem estudos, escola, igreja. Depois é um lugar perto da BR ali, fácil de ir pra cidade, pra um lado e pro outro [...] E na verdade era pra ser aqui a cidade, porque Jesuíno Marcondes é mais velha que a própria cidade, tem mais de 100 anos.<sup>29</sup>

Em Jesuíno Marcondes a concentração de pessoas contribuiu para que o lugar adquirisse a denominação freqüente de vila de Jesuíno Marcondes e, ainda no contexto do seu povoamento, houve a possibilidade da mesma ser transformada em sede do município, como afirma Leopoldo:

Era aqui a vila mais povoada. Aqui é mais velho do que Prudentópolis! Você já viu uma colônia picada em quadra que nem aqui? Olha de quadra que tem. Não tem em nenhuma parte do interior, só aqui. Sabe por quê? O Marcondes é mais velho do que Prudentópolis. Porque Prudentópolis era pra ser aqui! Daí a troco de política e mais não se sabe do que, Prudentópolis ficou lá e aqui ficou tudo picado em quadra, pois aqui ninguém paga imposto, e é tudo lote urbano, é uma beleza.<sup>30</sup>

A relação da vila com o Faxinal, ainda na época do povoamento do lugar, esteve muito próxima, considerando que “até antes, quando povoaram aqui, aqui era tudo Faxinal, não tinha ninguém construindo na época. Aqui tinha uma sociedade o Faxinal, e cada um tinha 20 litros de chão (12.000m<sup>2</sup>), que nem os pais compraram terras aqui e entrou na sociedade do Faxinal, depois os mais velhos faleceram, se foram e os mais novos foram construindo e cada um, netos, bisnetos vão herdando o terreno. Tinha Faxinal, mas depois o Faxinal foi ficando pra frente e aqui, onde é a vila já não é mais.”<sup>31</sup>

Ainda em relação à desintegração do Faxinal Pedroso afirma que, “agora ficou bem pequeno o Faxinal, acho que tinha uns duzentos e poucos alqueires e a Vila ali também se isolou. Mas antigamente todo mundo de lá tinha, porcos,

<sup>29</sup> Gabriel Voratczy, morador de Jesuíno Marcondes. Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa em 15 abr. 2009.

<sup>30</sup> Leopoldo Salache, morador de Jesuíno Marcondes. Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa em 15 abr. 2009.

<sup>31</sup> Josafat Dulatka, morador de Jesuíno Marcondes. Entrevista realizada por Eliane Crestiane Lupepsa em 15 abr. 2009.

vaca de leite. Então há mais ou menos uns trinta anos tudo era um faxinal. Aí depois que construíram aquele posto e a escola começaram a se importar com os bichos soltos.”<sup>32</sup>

Apesar dos conceitos de território, paisagem, espaço e região estarem ancorados no campo da Geografia, considera-se o fato de que desde principalmente a década de 1970, eles passaram a servir também às categorias explicativas adjacentes da História. Foram compartilhadas categorias explicativas que passaram a contribuir nos estudos do homem no tempo e no espaço.

A História [...] o que ela estuda na verdade são as ações e transformações humanas (ou permanências) que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo, mais longo ou mais curto. Vista desta maneira a partir da terceira metade do século XX, a História expandia-se extraordinariamente no campo das Ciências Humanas [...] Definir a História como o estudo do homem no tempo foi, portanto um passo decisivo para a expansão dos domínios historiográficos. Contudo, a definição de História, no seu aspecto mais irredutível, deve incluir ainda outra coordenada para além do “homem” e do “tempo”. Na verdade, a História é o estudo do Homem no “tempo e no espaço”. As ações e transformações que afetam aquela vida humana [...] dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constituir-se-á em espaço social. Mas com as expansões dos domínios históricos que começaram a se verificar no último século, este Espaço também pode ser perfeitamente um “espaço imaginário” (o espaço da imaginação, da iconografia, da literatura). [...]. Tão logo se deu a importância de entender o seu ofício como a Ciência que estuda o homem no tempo e no espaço - e essa percepção também se dá de maneira cada vez mais clara e articulada em meio as revoluções historiográficas do século XX - os historiadores perceberam a necessidade de intensificar sua interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. Emergiu daí uma importante interdisciplinaridade com a Geografia, ciência que já tradicionalmente estuda o espaço físico [...]. Na verdade, a noção de espacialidade foi se alargando [...] do espaço físico ao espaço social, político e imaginário, e daí até a noção do espaço como “campo de forças” que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas [...].<sup>33</sup>

Neste sentido, os sujeitos inseridos num determinado espaço social podem confirmar suas ações por meio de práticas discursivas. O conceito de território,

<sup>32</sup> Malvina Pedroso, moradora do Faxinal. Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa em 17 fev. 2009.

<sup>33</sup> José D’A. Barros, ‘Geografia e espacialidade’, *Ágora. Revista do Departamento de História e Geografia* 11(2), jul./dez.2005, 100 e 101.

como vimos, tradicionalmente pertencente à Geografia, tomou forma na ampla área das Ciências Humanas a partir do final do século XX. Partindo-se de tal contextualização é que tal conceito pode correlacionar-se ao conceito de representação, já que, as práticas sociais e culturais ou ações dizem respeito às representações. Assim como as práticas ou ações humanas no espaço suscitam o território, embora estas possam estar denotando além de representações, especialmente, relações de poder, de domínio ou controle do ou no espaço. Pois, “produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle, portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento”.<sup>34</sup>

Por sua vez, as representações explicitam as identidades sociais e os meios pelos quais um grupo impõe ou tenta expor sua concepção de mundo, seus valores, compreendido este a partir de comportamentos adquiridos pelos grupos sociais em seus espaços de relações objetivas, como uma totalidade de ações permanentes e específicas, visto que os agentes sociais atuam conforme normas e códigos internalizados e, por esta maneira, aceitos como naturais. De modo a demonstrarem “não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles”.<sup>35</sup> As representações de identidade são qualificadas em torno de atributos, características e valores socializados em torno daqueles que integram o parâmetro identitário e que se colocam como diferencial em relação à alteridade. Do mesmo modo como “as representações do mundo social construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que a forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”<sup>36</sup>

A partir desse pressuposto entendemos que a Associação do Faxinal Marcondes Almeida França e a Associação Marcondense de Agricultores, coordenam os espaços de acordo com os interesses dos sujeitos inseridos em ambas. Sendo assim, configuram suas respectivas noções de território, considerando como ele deve ser utilizado ou organizado. Portanto, as representações sociais serão aqui consideradas como ações, em que estas noções representam a constituição de ambos os grupos.

O fato de os respectivos territórios comportarem as marcas que suscitam sentimento de pertencimento, portanto, identidade, permite com que o espaço se organize e funcione tal qual um ambiente propício onde um determinado

<sup>34</sup> Idem, 112.

<sup>35</sup> Roger Chartier, ‘O mundo como representação’, *Revista Estudos Avançados* 11, 1991, 177.

<sup>36</sup> Chartier, *A História Cultural: entre práticas e representações* (Lisboa: Difel, 1990), 17.

grupo social pode criar e utilizar, segundo suas intenções e necessidades, um variado conjunto de representações e imagens que lhes possibilite formar para si e para os outros uma identidade.

Ambos os conceitos, territorialidade e identidade podem aplicar-se ao indivíduo ou ao conjunto social e são, portanto, suscetíveis de analisar-se em diferentes escalas – local, regional, nacional. Pode-se analisá-las em termos de continuidade ou descontinuidade espacial [...] O sentido de pertença, de identidade regional, de tomada de consciência regional define a territorialidade regional. Tais conceitos permitem definir: territórios de identidade, territórios de pertença, territórios de referência e territórios de ação.<sup>37</sup>

Os faxinalenses de Marcondes e os agricultores da vila de Jesuíno encontram-se inseridos em seu lugar de pertença e procuram organizá-lo de acordo com os seus interesses.

## O Faxinal e a Vila de Jesuíno Marcondes

O nome Faxinal corresponde a um tipo de vegetação, enquanto que Sistema Faxinal diz respeito à forma de organização particular em seu perímetro de abrangência. É por essa forma que ele é entendido por Chang:

O faxinal é um sistema de produção familiar que apresenta os seguintes componentes: a produção animal – criação de animais domésticos, tanto para o trabalho, quanto para o consumo próprio, na técnica “à solta” em criadouros comuns, destacando-se os eqüinos, suínos, caprinos e as aves domésticas; a policultura alimentar – lavouras de subsistência circunvizinhas ao criadouro, destacando-se o milho, feijão, arroz, batata e a cebola e; a coleta da erva-mate – o mate nativo se desenvolve dentro do criadouro e é coletado durante o inverno, desempenhando papel de renda complementar.<sup>38</sup>

Para Nerone, “esse sistema se fundamenta em três componentes: a coleta da erva-mate, a produção agrícola e a criação de animais”,<sup>39</sup> sendo que no Faxinal Marcondes Almeida França de Prudentópolis, identificam-se estas

<sup>37</sup> Milton Santos et al. (orgs.) *Território: globalização e fragmentação* (São Paulo: Hucitec, 2006), 262.

<sup>38</sup> Chang, 13.

<sup>39</sup> M. M. Nerone, *Sistema Faxinal: terra de plantar, terra de criar* (Assis, 2000), 22.

características. A particularidade das terras de plantar dos faxinalenses e também as dos agricultores de Prudentópolis, diz respeito ao aproveitamento de serras, muito comum nas regiões interioranas do município, que permitem o cultivo de grãos, como milho, feijão e soja e outras culturas como o fumo, reservando assim, áreas planas para outros fins, como as de reflorestamento com eucaliptos e pinus, pastagens de animais, incluindo pastagens apícolas<sup>40</sup>, visto que a apicultura é uma atividade peculiar entre os agricultores e também entre os faxinalenses que têm o mel e seus derivados uma complementação de sua renda. O aproveitamento das serras para o plantio, pelos faxinalenses ocorre, em parte, porque boa parte deles herda de seus pais ou parentes, áreas agricultáveis situadas nessas serras. Assim, as terras de plantar encontram-se longe do criadouro comum, numa distância de dois até nove quilômetros. Prudentópolis, segundo Antoneli:

É um município tipicamente agrícola, fato este que é justificado pelo grau elevado de mão-de-obra empregada na agricultura. Das atividades agrícolas desenvolvidas no Município merecem destaque, a produção do feijão e do milho, os quais são cultivados no sistema de roça de coivara ou “sistema de rotação de terras”. Roça de coivara é uma prática agrícola rudimentar, que efetua a derrubada da vegetação e atea fogo para fazer a limpeza do terreno para o plantio, sendo que este processo será praticado em outras áreas na próxima safra, deixando esta área no sistema de “pousio”. Durante várias décadas a agricultura era constituída pelo sistema de rotação de terras. Fazia-se a derrubada da vegetação denominada de capoeira vegetação baixa com árvores de aproximadamente 4 metros de altura, e ateava-se fogo para fazer a limpeza do terreno para plantar. Após a queimada, o agricultor plantava milho e feijão [...] Trabalhava-se com o rodízio de terras, onde as propriedades eram divididas em lotes. Após a colheita dos produtos, essa área ficava no chamado “pousio”, por aproximadamente cinco anos para que a vegetação se regenerasse e o solo pudesse recompor sua matéria orgânica, enquanto outras áreas seriam utilizadas na próxima safra, e assim sucessivamente.<sup>41</sup>

<sup>40</sup> As pastagens apícolas de Prudentópolis destacam-se pelas espécies melíferas, a maioria nativa, entre elas destacam-se algumas popularmente conhecidas como, Astrapéia, Miguel-Pintado, Lixeira, Assa-peixe, Vassoura ou vassourinha, esta última muito comum também para o uso doméstico das mulheres que a utilizam para se varrer o chão nos arredores das casas.

<sup>41</sup> Valdemir Antoneli et al. ‘Mudanças na forma de uso e ocupação na agricultura familiar no município de Prudentópolis’, *Encontro Paranaense de Estudantes de Geografia* (Guarapuava, 2009).



A estrutura agrária da região de Prudentópolis caracteriza-se principalmente pela produção de feijão e milho, no Faxinal estes produtos são fundamentais tanto para a renda dos faxinalenses, como para a manutenção do criadouro.

Os faxinalenses possuíam uma organização de vida e trabalho em Jesuíno Marcondes que até a década de 1980 abrangia uma área mais extensa de Faxinal do que possui atualmente. Mas deste período em diante, devido a transformações, como a instalação de água potável, construção da escola e do posto de saúde em sua região de abrangência, incluindo Jesuíno Marcondes, o Sistema Faxinal passou a não ser mais aceito pelos moradores e foi se restringindo a um espaço menor, visto que parte das terras de criar foram substituídas por terras de plantar.

Segundo depoimentos dos moradores de Jesuíno, até pelo menos as décadas de 1980 e 1990, em toda a vila ainda circulavam animais soltos, mas chegou um momento em que nem todos queriam os animais provocando desentendimentos entre os vizinhos quando invadiam as cercas e danificavam as plantações: “Isso aí na verdade todo mundo foi se conscientizando, diminuindo aos poucos os animais e parandinho de soltar, assim e acreditando que aqui quem quisesse ter animal tinha que segurar. Então antes este Faxinal ali da 2ª Linha vinha até aqui na vila, era um só grande, era tudo junto.”<sup>42</sup>

Nos depoimentos, alguns fatores destacam-se no que tange o processo de desintegração do Faxinal aonde atualmente se encontra a Vila de Jesuíno Marcondes: “O fim do Faxinal aqui na Vila foi determinado pelos próprios moradores, até que ninguém quis mais, ainda mais depois da instalação da rede de água, posto de saúde, escola. Aí a partir do momento em que teve isso que foi decidido. Aí tinha preservação de cercas, eles acabaram com as cercas em volta, mata burro que tinha ali também, tiraram.”<sup>43</sup>

Mudanças estas ocorridas na década de 1980 em Jesuíno Marcondes. Geograficamente, “a colônia de Jesuíno Marcondes pertence ao Distrito de Patos Velhos, Município de Prudentópolis, Estado do Paraná. Situa-se a 18 Kms. da cidade de Prudentópolis, ao norte de Patos Velhos. Esta colônia é servida pela BR 277 – entre o trevo do Relógio e o trevo de Prudentópolis que dá saída para Irati. Da colônia fazem parte as linhas: Linha Santo Antonio, Linha Visconde de Guarapuava, Linha Visconde de Nacar, Linha Maurício Le Faivre, Faxinal II e 2ª Linha.”<sup>44</sup>

É pertinente observar as evidências sobre a ocupação do espaço na perspectiva das representações, já que “as representações se oferecem como um variado campo de investigação ao historiador... São objeto de uma História

<sup>42</sup> Voratczy, Entrevista...

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Casa das irmãs de Jesuíno Marcondes.

Cultural Urbana as formas pelas quais a cidade foi pensada e classificada ao longo dos tempos, o que poderia lidar com as avaliações da boa ou má cidade.”<sup>45</sup>

Jesuíno Marcondes, enquanto espaço rural abarca aspectos de construção urbanística do lugar, tais como as que aparecem nos seus registros, documentos escritos e até mesmo nos seus depoimentos. Como demonstra um documento concedido pela “Casa das irmãs de Jesuíno Marcondes”:

Já está em construção nesta Linha a nova escola que será erguida nos modernos padrões das nossas escolas modelos; possui ainda a Linha um bem organizado Posto de Saúde, criado pela comunidade com o auxílio da prefeitura, através da Secretaria de Educação e Saúde. A Igreja de Jesuíno Marcondes é uma das mais belas igrejas do interior do município, possui um iconostás semelhante ao da Matriz de São Josafat, cujas pinturas estão sendo feitas em Ivaí-Calmon. Toda esta Linha é um hino de louvor à comunidade, nela tudo é planejado com muito amor e harmonia; desde a Igreja, escola, pátio da Igreja, pavilhão de festas, colégio, saúde e arte. Jesuíno Marcondes é um dos orgulhos de nosso município, são inúmeras as famílias que compõem a população.<sup>46</sup>

As representações do espaço de Jesuíno Marcondes tornam-se consistentes a partir das práticas culturais de seus moradores. De acordo com Chartier, são essas “práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais “representantes” (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.”<sup>47</sup>

As práticas, marcas ou ações dos indivíduos no espaço convergem por muitas vezes em edificações como a igreja e a escola, aparecem ainda sob o título: “Breve histórico de Jesuíno Marcondes e da Escola”, relacionadas aos modelos europeus:

Quando o primeiro grupo de imigrantes ucranianos estabeleceu-se em Jesuíno Marcondes, [...] o povo ucraniano aqui construiu uma escola semelhante às da Europa-Ucrânia. Nos pequenos lotes recebidos do governo construíram suas casas de moradia. O terreno para o plantio das

<sup>45</sup> Sandra J. Pesavento, *História e história cultural* (Belo Horizonte: Autêntica, 2003), 78.

<sup>46</sup> Casa das irmãs...

<sup>47</sup> Chartier, 1991, 183.

roças ficava bem mais distante (05 a 08 km das moradias). Os trabalhadores iam de manhã e só voltavam a noite. Na vila foi construída uma igreja, uma escola, foram abertas algumas casas comerciais, uma sapataria, uma alfaiataria. O primeiro professor da localidade foi o Senhor Semeão Kukurudza, remunerado pelo Estado [...] Além de professor, era enfermeiro, catequista, dirigente de celebrações dominicais (na ausência do padre), enterros, faleceu vítima de tuberculose.<sup>48</sup>

É evidente a preocupação com a alfabetização e com a religião, além da vida social em torno às missas e festas a movimentarem a rotina de um mundo rural. É possível considerar as edificações do espaço de Jesuíno Marcondes, como marcas que os moradores julgaram significativas e transmitiram para o documento escrito e para a memória, reforçando assim a existência da comunidade numa tentativa de perpetuá-la de maneira particular, contribuindo para a representação do lugar.

As representações como permanências e modificações, circulam em diferentes momentos históricos, se relacionam com a experiência social e podem refletir expressar e/ou ocultar as contradições da trama histórica, vislumbrando as alternativas que historicamente abriam-se, esgotaram-se e reelaboraram-se em função dos contextos. “Assim, a relação entre cultura e representação é marcadamente um processo relacional de influência mútua, simultaneamente constituinte e constituído. Este processo pode ser o de constituição das representações e identidade a partir da ocupação do espaço”.<sup>49</sup>

A Associação do Faxinal Marcondes Almeida França e a Associação de Agricultores de Jesuíno, à medida que abarcam representações do social, confirmam o fortalecimento do grupo. A identidade corresponde à organização de um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. “A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença”.<sup>50</sup>

Em relação à maneira organizacional de conservação do Faxinal, considerando, sobretudo, seu caráter sustentável exploratório do espaço, considerando o funcionamento do criadouro comum e a manutenção das cercas, Chang atenta o olhar com uma visão particular ao qual ela chama de sociologia das cercas.

<sup>48</sup> Casa das irmãs...

<sup>49</sup> Pesavento, 15.

<sup>50</sup> Idem, p. 18.

É a partir das convenções sobre as cercas e os direitos e deveres de cada um que transparecem as particularidades da sua forma de organização. Em outras palavras, as relações sociais se manifestam nesse conjunto de leis e costumes que passaremos a chamar de “sociologia das cercas”. Quanto à propriedade das cercas, convém lembrar que as cercas são divididas proporcionalmente à área de terra que cada proprietário possui. Cada proprietário contribui com o material necessário para a confecção do trecho de cerca de sua responsabilidade, sendo que os não-proprietários contribuem apenas em serviço na construção e na manutenção das cercas de outros proprietários. Nesse sentido, após a devisão (sic) dos lanços para cada proprietário, as cercas passam a ser propriedades privadas de seus respectivos donos. E são somente seus donos os responsáveis por sua manutenção.<sup>51</sup>

A preocupação com a manutenção das cercas é inevitável nos Faxinais e ocorre em grande parte a partir de mutirões, organizados pela comunidade de acordo com as necessidades. Este conjunto chamado de “sociologia das cercas” se baseia nos princípios comunitários de direitos e de obrigações, válidos para todos os moradores. Estas tipologias contemplam:

Cerca de lei: para deter animais de diversos portes; Cerca de vão cheio: com sete palmos de altura e traves amarradas com arame; Cerca de meio vão: com dois fios de arame por cima; Cerca de paus verticais: com oito palmos de altura; Cerca de arame farpado: com sete palmos de altura e, no mínimo, oito fios de arame. Existem ainda os valos, com profundidade e largura variáveis, que são os lugares onde estão os mata-burros, espécie de ponte formada por vigas de madeira dispostas de forma transversal e espaçadas destinados a vedar o trânsito de animais.<sup>52</sup>

O Sistema Faxinal e sua forma de organização são destacadas “pelo seu caráter coletivo no uso da terra para a produção animal. A instância do comunal é consubstanciada, nesse sistema, em forma de criadouro comum”.<sup>53</sup> Criadouro este que ilustra o uso do espaço e contribui para a configuração do território faxinalense. A compra constante das suas extensões de terras por proprietários acabou por comprometer a abrangência territorial, eminentemente moldada pelo Sistema Faxinal. Nestes termos, entende-se que esta conformidade do sistema Faxinal caracteriza-se pelo uso comunitário do espaço por todos os faxinalenses

<sup>51</sup> Chang, 42.

<sup>52</sup> José A. Campigoto, *Mapa temático dos Faxinais* (Irati, mimeo, 2008).

<sup>53</sup> Chang, 13.

que ali vivem, sem que necessariamente devam ser proprietários legais. Assim, tal conformidade abalou-se e a estrutura do Faxinal afetou-se internamente.

A luta em defesa do sistema se sustenta pelos faxinalenses que perfazem quarenta e uma famílias permanentes nas áreas do Faxinal de Marcondes Almeida França, considerando a Associação do Faxinal. Na década de 1980 a área do criadouro comum abrangia aproximadamente 200 alqueires, incluindo a área de Jesuíno Marcondes. Em 2007, um levantamento da Secretaria Municipal do Meio Ambiente aponta ser 53,5 alqueires destinados ao criadouro comum, o que indica uma considerável diminuição desta área. Segundo Pedroso, moradora do faxinal:

Ah isso desde uma época pra cá que o Faxinal foi ficando pequeno, é que nem todas as pessoas da vila ali de Marcondes queriam os bichos soltos lá. Depois que construíram o posto de saúde, a escola, aí os bichos passaram a incomodar, pra eles acho que não era bom que os bichos ficassem soltos no pátio. Então algumas pessoas não queriam e o faxinal foi diminuindo. Até que hoje ele não passa nem perto do tamanho que ele tinha.<sup>54</sup>

Os faxinalenses possuem uma Associação desde o ano de 2004, ela representa os anseios dos faxinalenses, tais como os que aparecem na Escritura Pública de Contrato de comprometimento com as áreas deste Faxinal, assinada por seus integrantes, em 1987, além disso, indicam uma transformação na forma de organização, baseada nos costumes, que passaram para os documentos escritos. Esta “escritura pública” pressupõe uma tentativa para que os faxinalenses se comprometam a continuar respeitando os mesmos costumes de seus antepassados. Conforme segue as seis cláusulas desta Escritura:

I- Os contratantes são proprietários e possuidores de várias áreas de terras de faxinais, com um total de mais ou menos duzentos (200) alqueires, situados na Linha Jesuíno Marcondes, desta comarca e município de Prudentópolis, Estado do Paraná. II – Nesta data, os contratantes obrigam-se entre si a considerar suas áreas como um criador comum, conservando as cercas, cercas que deverão ser revisadas de seis (6) em seis (6) meses, e dessa forma todos ficam obrigados a conservar o criador. III – Para evitar a interferência de terceiros no criador, dando origem a problemas contrários aos interesses da totalidade dos contratantes, ficam os signatários deste contrato, em caso de alguns deles resolver vender sua

área, obrigados a oferecê-la aos demais contratantes, pelo preço do comércio. Em caso de dificuldade do interessado na venda em conversar com a maioria dos contratantes sobre a transferência de sua área, deverá explicar os motivos, oferecendo-a a todos na pessoa de Inspetor municipal. IV – Cada um dos contratantes obriga-se por si e por seus sucessores a não mudar o destino de suas áreas de criador para o de cultura. V – O contratante que desobedecer às cláusulas deste contrato ficará obrigado a responder em Juízo por indenização. VI – Por estarem certos, combinados e contratados assim este contrato na presença de duas testemunhas. Valor CZ\$ 300.000.00. Prudentópolis, 21 de agosto de 1987.<sup>55</sup>

A partir da leitura deste documento percebe-se que os interesses dos proprietários faxinalenses vão além da preocupação com a propriedade das terras do Faxinal, implica também, numa preservação de sua cultura, ou seja, do criador comum, da conservação das cercas, enfim, de um modo de vida e trabalho baseado na organização consuetudinária em que predomina o interesse de subsistência dos faxinalenses e do próprio Sistema Faxinal. Além disso, este documento demonstra uma forma de resistência, embora pouco eficiente, dos faxinalenses quando eles se comprometem a vender suas terras para pessoas que não tenham o intuito de “mudar o destino de suas áreas de criador para o de cultura”, cláusula esta difícil de ser cumprida, uma vez que os interesses particulares e econômicos mudam.

Os faxinalenses concebem a terra do criadouro de maneira coletiva, embora ela seja até certo ponto particular e permite, em certa medida que pessoas desprovidas de posse da terra, também possam usufruir o espaço. O plantio das lavouras, nas terras de plantar, pode ocorrer de maneira particular, por membros de uma única família ou coletiva nos chamados puxirões ou mutirões. Em Marcondes os mutirões acontecem:

Nós fazemos mutirão mais pra manutenção das cercas. O trabalho em conjunto pela comunidade. Então agente vê as cercas que precisam ser feitas e lá vai o mutirão, quinze, vinte, trinta homens pra fazer as cercas. Então isso é mutirão... Há mais ou menos 35 anos atrás saia os mutirões pra lavoura. E isso a gente faz, por exemplo, tem uma pessoa doente na sua comunidade, ainda a gente faz, a gente não chama mais de mutirão a gente chama de reunida né, onde você se reúne lá com a comunidade e você da um dia de serviço pra pessoa que está precisando, vai lá limpar

<sup>55</sup> Escritura Pública de Contrato de comprometimento entre os faxinalenses de Marcondes, miméo, s/e.

a lavoura dela, vai lá fazer a lavoura dela que ainda se existe muito o plantio convencional de matraca a muque então a gente vai lá e se for preciso a gente ainda se reúne e vai ajudar esta pessoa a fazer a lavoura, pra ela não ficar o ano sem a lavoura. Até no ano passado aconteceu, então a gente fez um mutirão, até era uma pessoa que não faz parte da comunidade tradicional do faxinal, mas como era vizinho de todos os faxinalenses, então ele estava com a lavoura no mato, que era uma lavoura de fumo então ele ficou oito dias internado ficou um mês sem poder trabalhar, aí a gente foi, combinou, foi lá limpou a lavoura dele fez a safra normal e quando ele se recuperou, voltou a trabalhar já estava adiantado o serviço dele.<sup>56</sup>

Os mutirões ressaltam o caráter coletivo, de ajuda mútua no Faxinal. Além do espírito coletivo dos faxinalenses, existem ainda especificidades que envolvem a questão de conhecimento territorial das terras faxinalenses. Chang explica que:

Toda extensão do criadouro é cercada ou separada das áreas de lavoura por cercas ou por algum acidente geográfico como as várzeas, rios ou vales profundos. Logo, elas não passam obrigatoriamente pelas linhas de divisa das propriedades. O seu traçado passa por onde a maioria dos moradores achar conveniente, atendendo o mais racional possível, a finalidade de dividir as terras de criação das de lavoura... Em geral, as cercas se localizam em terra alheia, justamente devido ao fato de que nem todas as propriedades fazem divisa com o criadouro. Consequentemente, quando se vende uma propriedade dentro do criadouro, vende-se conjuntamente e necessariamente a propriedade e a responsabilidade desta cerca, onde quer que ela se localize. Da mesma forma quando a propriedade é transmitida por herança, seus herdeiros assumem a se responsabilizar pelas cercas que a ela corresponde.<sup>57</sup>

O Faxinal é, portanto, marcado pela utilização e responsabilidade coletiva do que nele existir, principalmente as cercas e os animais. Restringir esta marca implica em comprometer o caráter do Faxinal. Deste modo, “os atores se vêem confrontados com necessidades que passam pela defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou de liberdade de ação”.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> Olevi Pedroso, morador do Faxinal. Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa em 18 jun. 2008.

<sup>57</sup> Chang, 42.

<sup>58</sup> Souza, 109-110.



Nestes termos, o que é vital para os faxinalenses é poder soltar animais e até plantar na terra que não é legalmente sua, é poder usufruir a mata, apanhando galhos de árvores que caem para utilizar como lenha, além disso, todos podem compartilhar da mesma fonte de água. Malvina Pedroso afirma “[...] os meus filhos buscam lenha no Faxinal, vão de carroça, eles juntam esses paus caídos que tem no mato, aí a gente aproveita para o fogo na estufa porque a nossa acabou, mas nós usamos também para o fogão a lenha”.<sup>59</sup> Entre os documentos da Associação do Faxinal Marcondes Almeida França, aparecem abaixo-assinados, explicitando um interesse de permanência da comunidade tradicional, conforme segue:

Nós abaixo-assinados vimos por meio deste, expor nossa intenção coletiva de permanecermos como comunidade tradicional na forma de um criador comunitário, conforme nossa experiência histórica que já completa mais de 100 anos de existência nestas terras de uso comum no município de Prudentópolis – PR.<sup>60</sup>

Ainda neste documento seguem as assinaturas. A escritura de 1987, esta certidão e as comissões constituídas e regulamentadas a partir do ano de 2004, indicam a preocupação com a preservação do Faxinal, bem como, a apreensão das leis estaduais que amparam os Faxinais, estas que compreendem as comunidades tradicionais como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas geradoras e transmitidas pela tradição.”<sup>61</sup> Os faxinalenses tendo conhecimento destas leis constituíram maneiras viáveis de conservação do Faxinal, uma delas é por meio do ICMS Ecológico: “O recurso do ICMS Ecológico é repassado na forma de materiais que beneficiam as comunidades, tudo dentro do plano de aplicação feito por elas, nenhuma comunidade recebe dinheiro, mas sim, bens materiais. Além de materiais para a manutenção das cercas, mata-burros, bueiros, outras atividades tem sido oferecidas aos faxinalenses como inseminação artificial, cursos, reativação de viveiros na comunidade.”<sup>62</sup>

<sup>59</sup> Malvina Pedroso, Entrevista...

<sup>60</sup> Registro da Comissão em defesa do Faxinal Marcondes Almeida França, 2007.

<sup>61</sup> Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>

<sup>62</sup> Jornal Preservação, *Um novo olhar sobre os faxinais de Prudentópolis*. Informativo da Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Prudentópolis-PR. Ano I. Edição nº 4. Novembro/2006, p.1.

Em Prudentópolis, “todos os faxinais possuem representantes eleitos pela comunidade que fazem a ligação entre a secretaria do meio ambiente e os faxinalenses, mas a idéia é que todos os faxinais constituam conselhos devidamente registrados, com normas a serem seguidas”.<sup>63</sup> Quanto a essas estratégias para a manutenção da cultura e também da constituição de uma identidade faxinalense é possível observa-las sob a óptica das análises de E. P. Thompson, como apresentadas por Gohn:

Por meio das análises de Thompson pode-se apreender as formas pelas quais se formam os mecanismos de resistência à opressão, de rebeldia à ordem dominante, de luta pela manutenção dos costumes e tradições, de construção dos protestos. Os motins do século XVIII aparecem nos textos de Thompson, como lutas de resistência das turbas urbanas e, ao mesmo tempo, ultraje aos símbolos da modernidade. Já no século XIX as lutas populares avançam no sentido de construir núcleos e pólos de identidades.<sup>64</sup>

Com tais aspectos E. P. Thompson construiu a idéia de campo de forças. “Este campo tem a haver com a idéia de relação das forças sociais, políticas e militares, com as possibilidades e os limites dos agentes em luta”.<sup>65</sup> A complementar os enunciados defendidos por Thompson, “o território” também é concebido como campo de forças, como “uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” e os “outros”.<sup>66</sup>

Os agricultores também possuem sua forma de organização de vida e trabalho em Jesuino, Igreja no rito ucraniano católico, escola, além de terem criado suas lavouras de plantio, sua própria Associação de Agricultores em 08/09/1989 e seu armazém. Como diz Meron Charnei, ex-presidente da Associação Marcondense de Agricultores (AMA):

Antes de nós chegarmos aqui já tinham ucranianos, eles viviam assim, tipo no Faxinal, os bichos eles criavam soltos a roça sempre longe tinha que caminhar quilômetros pra chegar lá, depois o pessoal de outras colônias começaram a vir pra cá, vinham da Linha Nacar, Linha Mauricio, do Rio D’Areia, até que povoaram tudo aqui em redor. Aqui nós povoamos

<sup>63</sup> Jornal Preservação, 3.

<sup>64</sup> Maria da G. M. Gohn, *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos* (São Paulo: Loyola, 2004), 205.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Souza, 86.

e formamos uma vila, aqui temos o nosso plantio, obtemos o nosso lucro, tem Igreja, tem escola e vivemos bem aqui graças a Deus.<sup>67</sup>

Os depoimentos dos agricultores de Jesuíno Marcondes e dos faxinalenses do Faxinal Marcondes Almeida França, obtidos ainda no início desse estudo, nos remeteram ao interesse de se entender esta disparidade quanto à organização social e pertinentemente, a organização de seus respectivos espaços a denotar concepções de território. No tocante ao Faxinal de Marcondes afirma-se o seguinte:

O faxinal, aquilo ali é um atraso de vida, os bichos se criam todos soltos ninguém mais compra bichos criados assim e depois dá um problema na cerca vão lá e comem as sementes da lavoura e estraga todo o plantio e dá problemas com os vizinhos, aqui ninguém mais quer faxinal. Olha este que tem ali na 2ª Linha não sei para que eles ainda criam aqueles bichos soltos, eles não têm planejamento, recebem ICMS eu acho, mas não têm nenhum implemento quando precisam.<sup>68</sup>

Em contrapartida, em relação ao seu modo de vida os faxinalenses dizem o seguinte:

Para nós faxinalenses é muito importante este modo de vida faxinalense porque a gente trabalha muito em mutirão, digamos assim, porque assim nada a gente constrói sozinho sempre baseado em companheirismo, sempre baseado na partilha onde que se um tem o outro também tem ou, mais ainda que seja em partes iguais. Então eu acho assim que diferente de todas as outras associações, porque, por exemplo, uma associação só de agricultores eles não têm igualdade dentro da associação porque, por exemplo, um planta trinta alqueires de milho e feijão; outro planta cem; outro duzentos; um ganha mais do que outro e a nossa não. A nossa é diferente; a nossa é liberado; aquele que não tem mais amanhã ou depois começa a ter, porque, por exemplo, se lá dentro do Faxinal eu tenho dez cabeças de gado e tem um vizinho que não tem nenhuma o que acontece, depende da vontade dele, se você quer comprar uma cabeça de gado pra você eu tenho que eliminar uma da minha propriedade pra você ter uma. Entendeu como é que funciona? Daí se tiver mais uma pessoa que também não tem o outro vai ter que diminuir uma da propriedade dela porque vai

<sup>67</sup> Charnei, Entrevista...

<sup>68</sup> Idem.

umentar uma da outra, está no regulamento. Então aonde a agente vive é entrosado dentro da associação faxinalense, porque na sociedade de agricultor um pode plantar duzentos alqueires; outro só cinco, nada impede, assim como na nossa também nada impede, mas só que assim a pessoa que hoje não tem criação e hoje quer começar ter criação então quem tem bastante vai ter que diminuir pra que de espaço pra criação pra aquele que não tem. Então por isso que agente vê a importância do Faxinal. Nós não damos espaços pra sócios não faxinalenses é só nosso, porque se o sócio estiver bem certo com todas as cargas tributárias com a associação com dois anos ele pode ser candidato e vim a ser presidente do Faxinal.<sup>69</sup>

Os discursos do agricultor da vila de Jesuíno e do representante do Faxinal de Marcondes indicam as concepções distintas de ambas as comunidades em relação à organização social que de certa forma acaba por se refletir nos espaços destes dois grupos.

É possível acompanhar pela Declaração e Ata da Associação do Faxinal, bem como, nos depoimentos dos seus moradores, o comprometimento quanto às normas que eles estabeleceram no que diz respeito à criação à solta. Tais normas aparecem na forma de discussão, no seguinte documento:

Aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de dois mil e sete reuniram-se na sede do Conselho do Faxinal de Marcondes Almeida França os faxinalenses para a elaboração do Regimento Interno do Faxinal. Foi apresentada uma proposta para o regimento que foi lida e os seguintes pontos. O presidente Olevi Soares Pedroso ficou como titular representando nosso Faxinal. Aprovada a elaboração da placa do Faxinal com o nome Marcondes Almeida França. Também foi discutido de quanto pode ser fechado por proprietário que só pode ser fechado dez por cento da área de cada proprietário. A quantidade de animais que cada proprietário pode ter solto no Faxinal, que ficou assim, dez cabeças de gado, três porcas matriz, dez cabeças de cabra, quatro cabeças de equinos. Também todos os moradores que residem no Faxinal, junto com a associação proíbem, a solta de animais de terceiros dentro do Faxinal. Aprovação de todos os moradores para contribuir ao presidente com dois dias de serviços por mês, em caso de não comparecimento de alguns proprietários ficará a carga da diretoria cobrar ou penalizá-lo.<sup>70</sup>

<sup>69</sup> Olevi Pedroso, Entrevista...

<sup>70</sup> Ata da reunião do dia 27/09/2007, concedida pela Associação do Faxinal de Marcondes Almeida França.

Essas regras surgiram em virtude do espaço do Faxinal não ser grande o bastante para abarcar tanta criação, principalmente de terceiros ou que não são faxinalenses. A análise da declaração, cedida pela Associação, permite perceber a preocupação dos moradores, mesmo que sob a representatividade do presidente da Associação, com o limite de animais soltos no espaço restringido do Faxinal e, além disso, o grau de punição ao infrator destas regras:

Eu, Olevy Soares Pedroso declaro através desse documento que o Sr. P. L. P, residente no Cadeado Grande, possuía uma propriedade na Linha Marcondes, denominado Faxinal Almeida França, Município de Prudentópolis, vindo a vender a propriedade há aproximadamente 4 anos. Declaro ainda que parte dos animais criados na propriedade foram abandonados no faxinal, totalizando no dia de hoje em aproximadamente 150 cabeças de animais diversos, entre eles oito ou nove bovinos e o restante sendo equídeos (cavalo, burro, égua, etc.). O Sr. Olevy afirma que o gado não foi vacinado na campanha referente a Novembro de 2004, para Febre Aftosa, e quando questionado, o Sr. P.L.P afirma que foram vacinados, porém o comprovante referente a Linha Marcondes não foi entregue na Unidade Veterinária de Prudentópolis. Os produtores da mesma linha reivindicam que seja cobrada uma solução no sentido que esse gado seja vacinado para Febre Aftosa, e removido da propriedade, já que o Sr. P. L. P. não possui contrato de arrendamento, ou qualquer acordo neste sentido com nenhum morador da Linha Marcondes.<sup>71</sup>

Por meio dos depoimentos concedidos no percurso da pesquisa foi possível perceber até que ponto estas normas faxinalenses são cumpridas e de que maneira elas configuram o perfil social dos sujeitos envolvidos, ou seja, até que ponto essas normas estão arraigadas e representam as ações dos membros dessa comunidade, tanto nos documentos da comunidade como nas práticas discursivas:

A Associação ajuda nós se unir pra todo mundo se ajudar mesmo, pra a gente ter os direitos da gente. Acho que todo mundo aqui concorda com o Faxinal. Mas ali nesta Associação não tem nada, só banco pra gente sentar. A gente respeita o que é tratado na Associação com todo mundo, a maioria respeita. Todos aqui que tem bichos, algum porco, cavalo, tudo bem soltar, mas quem não vive aqui não tem nada que vir soltar aqui pra dentro do Faxinal, porque não é certo isso.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Declaração concedida pela Associação do Faxinal de Marcondes.

<sup>72</sup> João de Paula, morador do Faxinal. Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa em 22 jun. 2009.

Um dos principais fatores que mantêm a integridade do Faxinal é o espírito de cooperação entre os moradores e o respeito para com os animais. A ofensa ou uma agressão a um animal pode ser considerada como uma ofensa ao dono desse animal, uma vez que a condição deste reflete o zelo do dono para com ele, como demonstra o depoimento de Pedroso:

Pois olha, já tivemos encrenca até com este vizinho aqui, ele não gosta de nós, não gosta de criação solta, não gosta de nada. Até nós se dava bem com ele, então ele trocou nós por um pé de bracatinga. Foi uma vaca que é do meu filho e comeu um pé de bracatinga dele, ainda ali no terreno dele que fica na divisa do Faxinal, comeu por cima da cerca, e ele chamou a vaca e nós de tudo que ele podia e quis matar nossa vaca, e chamou a vaca de seca e disse que ela não tinha o que comer essa vaca seca e disse que ia matar ela, e desde então ficamos indiferentes, não nos falamos mais.<sup>73</sup>

O aspecto principal que marca o Faxinal e o distingue de Jesuíno Marcondes é a disposição da maior parte da área plana para o criadouro, que é o principal fator norteador da vida faxinalense, pois é em função dele, que proprietários e arrendatários dividem o espaço e destinam, quando necessário, parte de sua produção agrícola, como o milho, para a criação: Porque é assim, o cavalo nós usamos pra puxar colheita da roça e lenha, vaca pra leite, o gado também da carne e porco pra banha. É, engorda e depois não precisa comprar. O porco come milho né, para engordar. A maioria do pessoal aí usa a banha do porco, mas também a carne quando quer, salga um pouquinho e fica bom.<sup>74</sup>

A vida simples no Faxinal demanda meios para garantir o sustento. No faxinal, além dos mutirões, hoje pouco frequentes, se pratica a troca de trabalho por alimento, assim como conta Voloski: “Como nesse serviço pesado, o marido da minha vizinha, já precisou de ajudante e ele ajusta para quebrar milho, ajusta para tudo, tudo ajustado. Como agora querem quarenta reais por dia para colher fumo e tem que ir, às vezes dá um pedaço da carne de porco para pagar o serviço.”<sup>75</sup>

Os depoimentos dos faxinalenses permitiram apreciar a forma como a vida no Faxinal de Marcondes se configura a partir da Associação e independentemente dela. A partir das convenções sociais determinam-se as ações no meio físico e suas representações.

<sup>73</sup> Malvina Pedroso, Entrevista...

<sup>74</sup> Rosa Voloski, moradora do Faxinal. Entrevista concedida a Eliane Crestiane Lupepsa em 17 fev. 2009.

<sup>75</sup> Idem.

Em Jesuíno Marcondes as representações estão vinculadas às características físicas da vila e a prática da agricultura, a Associação Marcondense de Agricultores a legitimam, pela organização dos sócios em, por muitas vezes, serem os responsáveis pelas transformações do espaço físico, pois, em suas discussões, determinam o que nele será feito e em que proporções, como as que aparecem na Ata da Associação: “Foi tratado a colaboração de todos os associados com a quantia de 120 kgs de feijão, da próxima safra, a ser plantada em benefício da associação. Assunto discutido, votado e aprovado pela maioria dos sócios presentes. Falou-se também da compra de mudas frutíferas. A construção do armazém foi o assunto mais discutido da reunião. Ao término foi feito o levantamento sobre a quantia de adubo e sementes necessários para o plantio da próxima safra.”<sup>76</sup>

Deste modo, pode-se afirmar que as ações sociais dos agricultores se refletem na forma como organizam o espaço e, “o conjunto de suas formas configura a organização espacial da sociedade. A organização espacial é a segunda natureza, ou seja, a natureza primitiva transformada pelo trabalho social [...] sendo assim, o processo de produção é também de reprodução”.<sup>77</sup>

### **Considerações finais**

A partir das convenções dos agricultores da Vila de Jesuíno e dos faxinalenses do Faxinal Marcondes Almeida França configuram-se organizações sociais distintas, da mesma forma que isso se reflete nos respectivos territórios, marcados e definidos por seus atores. A principal característica do Faxinal diz respeito às terras de criar e as terras de plantar e nesta qualidade básica se destaca ainda, o respeito à criação e os mecanismos, que representam uma tentativa de conservação do Faxinal, como as normas estabelecidas pelos faxinalenses, principalmente relacionadas à conservação do criadouro, tais como as que aparecem na Escritura Pública de Contrato de Comprometimento de 1987, quando fica clara a intenção de se manter o criadouro, conservando-o com a manutenção das cercas, evitar a interferência de terceiros no criador e por fim a não mudar o destino das áreas do criador para o de cultura. Tais comprometimentos afirmam a intenção de se manter um grupo, o faxinalense, também pela estrutura territorial. De acordo com Corrêa,

a reprodução dos grupos sociais faz-se através de muitos meios. A transmissão do saber, formalizada ou não, constitui um. Outro, e dos mais importantes, é a organização espacial. Ao fixar no solo os seus

<sup>76</sup> Livro Ata da Associação Marcondense de Agricultores – AMA, 1989, p. 4.

<sup>77</sup> Corrêa, 54.



objetos, frutos do trabalho social e vinculados às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo, reproduzindo as mesmas. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio. A organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra, é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução).<sup>78</sup>

A noção de território, como “um termo empregado para expressar o controle de indivíduos sobre determinada área geográfica”,<sup>79</sup> e nisso implica, o caráter organizacional sobre tal área, auxilia na compreensão da constituição das organizações sociais, tanto em Jesuíno Marcondes, como no Faxinal Marcondes Almeida França.

No final do século XIX, com a colonização em Prudentópolis, Jesuíno Marcondes foi uma das primeiras localidades a ser povoada, onde houve uma grande concentração de pessoas. A colônia se tornou vila, suas ruas foram traçadas em quadras e grande parte do seu espaço que até pelo menos a década de 1980 era destinado à criação de animais, passou a desconsiderar tal prática, destinando este espaço para a construção de novas moradias e também, em certa medida, para o plantio, em detrimento do Sistema Faxinal. “Foi acertado de uma forma que Faxinal é do mata burro pra lá e pra cá é quase que se trata de uma área urbana, tem escola, posto de saúde [...]”.<sup>80</sup> A Associação, criada naquela década, foi, em grande medida, a principal norteadora das transformações no espaço, quanto às medidas a serem tomadas no que concerne à prática da agricultura, pois, como consta na Ata desta Associação, era esta a principal responsável pelas escolhas dos insumos, implementos a serem utilizados no solo, das mudas a serem plantadas. As ações dos agricultores em relação à organização do espaço fazem-se, em grande medida, por meio desta organização. Porém, é certo que a desintegração do criadouro comunitário na área de Jesuíno Marcondes não foi determinada pela Associação Marcondense de Agricultores, mas partiu da iniciativa dos próprios moradores, não necessariamente sócios da A.M.A, que acabou por convergir com os ideais da Associação. A noção de organização espacial associa-se à estrutura territorial em que “a sociedade concreta cria seu espaço geográfico para nele se realizar e se reproduzir, para isto, cria formas duradouras que se cristalizam sobre a superfície da terra”.<sup>81</sup>

<sup>78</sup> Idem, 55.

<sup>79</sup> Santos, 235.

<sup>80</sup> Voratczy, Entrevista...

<sup>81</sup> Santos, 57.

Em Jesuíno Marcondes e no Faxinal Marcondes Almeida França os territórios correspondem à maneira como o grupo destes respectivos lugares, agricultores e faxinalenses se organizam e exercem controle sobre eles. “Ao planejar o território, a sociedade traça políticas de desenvolvimento econômico, regional e também ambiental nas quais, de modo geral, os objetivos econômicos de crescimento e sustentabilidade do consumo, são preponderantes”.<sup>82</sup> Em relação à organização social e espacial de Jesuíno Marcondes, cumpre-se destacar a Associação Marcondense de Agricultores.

A Associação ela existe desde 1989. É uma forma que nós agricultores encontramos de nos organizar para baratear a produção da lavoura e tentar garantir a venda através da nossa própria Associação. Então nós marcamos nossa primeira reunião, foi dito que quem quisesse se associar deveria se cadastrar, quem fazia parte da Associação deveria pagar uma quantia por mês e ainda hoje é assim, isso para benefício de todos. Desde então lutamos muito para que pudéssemos construir uma sede própria para a nossa Associação para depois, com o passar dos tempos, nós pudéssemos construir um armazém para vender os nossos produtos e graças a Deus conseguimos, e ele funciona até hoje.<sup>83</sup>

O controle sobre a área do Faxinal se expressa nas tentativas dos faxinalenses em manter o criadouro comunitário e isso se expressa tanto nos documentos da Associação do Faxinal, quanto nos depoimentos de seus membros. O criadouro representa a principal característica do espaço e do grupo e isso se reflete na clara tentativa de conservação do mesmo e no respeito atribuído aos animais deste criadouro. Para isso a Associação do Faxinal exerce um papel: “A Associação ajuda pra gente ser sempre unido, arrumar cercas, cuidar melhor dos bichos, mais pra manter o Faxinal mesmo, mas pra outra coisa não serve”.<sup>84</sup> A intenção de se manter o Faxinal, ainda que por meio de normas facilmente passíveis de serem ou não cumpridas, reforça o sentido de pertencimento deste grupo que prioriza a vida faxinalense, ainda que de maneira sustentável, praticando uma agricultura de subsistência e tentando explorar os recursos, mesmo ínfimos, que o espaço pode oferecer.

<sup>82</sup> Sérgio Fajardo, *Territorialidades corporativas no rural paranaense*. (Guarapuava: Unicentro, 2008), 58.

<sup>83</sup> Charnei, Entrevista...

<sup>84</sup> De Paula, Entrevista...